

boletim [^] da CONSCIÊNCIA NEGRA



SINDICATO DOS
PROFESSORES DO ENSINO OFICIAL
DO ESTADO DE SÃO PAULO
Filiado à **FEESP** e **CUT**

Coletivo Anti-racismo
"Milton Santos"



20 de Novembro de 2013

Editorial



**Maria Izabel
Azevedo Noronha**
Presidenta da APEOESP

A APEOESP leva aos seus associados mais uma edição do seu Boletim da Consciência Negra, com uma série de destaques que interessam não apenas aos professores e à comunidade afrodescendente, mas a todos que acreditam no poder transformador da Educação.

Há 10 anos, foi aprovada a Lei 10.639/03, que

inclui no currículo escolar o ensino da História e Cultura Africana. Trata-se de um marco para o País que, durante séculos, deixou em segundo plano as inegáveis influências africanas entranhadas na cultura e na sociedade.

Entretanto, os educadores ainda enfrentam obstáculos, que a APEOESP vem denunciando, para a implementação da lei. Faltam investimentos na valorização profissional, cursos de formação e material didático adequado.

É inegável o avanço conquistado nesta última década, mas ainda temos muitas injustiças para superar. O preconceito racial, a intolerância à diferença e, muitas vezes, até a recusa para aceitar as origens multiétnicas do Brasil são obstáculos que os professores podem e devem amenizar através da Literatura, das Artes e da Educação como um todo.

Neste sentido, o Boletim da Consciência Negra editado pelo Sindicato pode ser utilizado como ferramenta pedagógica, já que oferece inúmeras sugestões de aula e traz denúncias sobre o racismo. Esta edição leva às salas de aula o debate sobre a persistência da violência policial no Brasil, especialmente contra os jovens negros e moradores de periferias.

O Boletim traz ainda sugestões de aula inspiradas em fatos históricos, como os 50 anos do famoso discurso do ativista Martin Luther King. "Digo a vocês que, apesar das dificuldades de hoje e de amanhã, ainda tenho um sonho", disse Luther King em 1963, referindo-se a um mundo onde todos os homens e mulheres fossem tratados com igualdade, sem discriminação. Um mundo que trabalhamos para construir, com garantia de cidadania para todos.

SP tem sua 1ª Conferência Étnico-Racial

Dez anos após a implementação da Lei 10.639/2003, São Paulo realizou a sua 1ª Conferência de Educação para as Relações Étnico-Raciais, na Assembleia Legislativa. O evento, nos dias 12 e 13 de setembro, reuniu parlamentares, professores, sindicalistas e ativistas do Movimento Negro.

Os participantes criticaram a inércia da Secretaria Estadual da Educação na implementação de ações para garantir a plena aplicação da lei. Durante palestra realizada na Conferência, a presidenta da APEOESP, Maria Izabel Azevedo Noronha, defendeu o investimento na carreira e na formação dos professores para garantir condições técnicas para que o debate sobre a diversidade étnico-racial seja fomentado no ambiente escolar.

A ex-ministra Matilde Ribeiro, que atualmente é secretária-adjunta da pasta de Promoção da Igualdade Racial da capital paulista, sintetizou a importância do tema: "É impossível

compreender o Brasil sem conhecer os quatro séculos de escravidão. Somos descendentes de africanos e não de escravos. Isso foi uma condição temporária."

Nacional

Já em Brasília, a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial realizou a III Conferência Nacional. O tema do evento, que ocorreu entre os dias 5 e 7 de novembro, foi "Democracia e Desenvolvimento sem Racismo: Por um Brasil Afirmativo".

Os conferencistas debateram os novos desafios às políticas de promoção da igualdade racial, dez anos após a sua institucionalização, através da criação de uma Secretaria Nacional dedicada à questão.

Uma das mais recentes iniciativas apresentadas durante o evento é o termo de cooperação técnica entre a Secretaria e o Ipea para a realização de análise estratégica de indicadores das desigualdades raciais e bem-estar da população negra no Brasil.

Marcha da Consciência Negra

20 de novembro de 2013

Avenida Paulista, a partir das 10h00

Sugestão de aula

■ Lei 10.639/03: Alterou a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional ao incluir no currículo oficial temas como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, além de resgatar a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política.

■ O histórico, as propostas e os documentos oficiais das três Conferências Nacionais de Políticas de Promoção da Igualdade Racial estão disponíveis no site <http://iiiconapir.seppir.gov.br/>

Veja ainda nesta edição:

- ❖ **Violência: Jovens negros estão em grupo de risco** • pág. 2
- ❖ **Juventude Viva** • pág.2
- ❖ **Candelária e Vigário Geral: 20 anos de impunidade** • pág. 2
- ❖ **Cientistas e inventores negros** • pág.3
- ❖ **Bodas de ouro do discurso de Luther King** • pág.3
- ❖ **APEOESP publica Teses e Dissertações** • pág. 3
- ❖ **Dicas culturais** • pág. 4



Jovens negros formam grupo de risco

Ser negro no Brasil equivale a pertencer a um grupo de risco quando o assunto é violência. De acordo com o mais recente Boletim de Análise Político-Institucional do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, o Ipea, lançado no dia 17 de outubro, a cada três pessoas assassinadas no País, duas são negras.

A pesquisa aponta ainda que a população negra é o maior alvo de agressões policiais e a probabilidade do negro ser vítima de homicídio é oito pontos percentuais maior do que um branco.

O Boletim do Ipea traz artigos sobre Segurança Pública e Racismo Institucional, sobre as manifestações de junho, a pacificação das favelas do Rio de Janeiro e o Pronatec, entre outros.

“Racismo institucional pode ser definido como o fracasso coletivo das instituições em promover um

serviço profissional e adequado às pessoas por causa da sua cor. O termo foi utilizado de forma pioneira, em 1967, pelos ativistas Stokely Carmichael e Charles Hamilton, integrantes do grupo Panteras Negras, para especificar como se manifesta o racismo nas estruturas de organização da sociedade e nas instituições”, definem os autores do artigo sobre Segurança Pública e Racismo Institucional, Almir de Oliveira Júnior e Verônica Couto de Araújo Lima.

Juventude Viva

A violência contra a juventude negra no Brasil é alvo de um programa interministerial, elaborado a partir de dados do Ministério da Saúde, que coincidem com as pesquisas do Ipea e apontam que os negros são maioria entre as vítimas de homicídio com idade entre 15 e 29 anos.

Atento a estes dados, o Governo Federal criou há um ano o Juven-

tude Viva, programa que prevê ações de inclusão e assistência promovidas em parcerias com os municípios com maior taxa de homicídios entre jovens que, estejam mais expostos à violência, como os que estão em situação de rua, usuários de drogas e vítimas de agressões domésticas.

Em São Paulo, o Juventude Viva foi lançado no dia 25 de outubro. Entre as ações lançadas em 2013, destaque ainda para o concurso para selecionar projetos de comunicação comunitária voltados para o enfrentamento da violência.

Genocídio

As estatísticas revelam a dimensão do problema. Em 2010, quase 28 mil jovens foram assassinados no Brasil; 70% deles eram negros. Já considerada como genocídio pelos ativistas de Direitos Huma-

nos, a violência contra os jovens negros, pobres e moradores das periferias brasileiras tornou-se endêmica.

No Estado de São Paulo as coisas não são diferentes. A polícia militarizada impõe o estado de exceção nas periferias. No dia 27 de outubro, o jovem Douglas Martins Rodrigues, de 17 anos, foi morto durante uma abordagem policial no Jaçanã, Capital. O PM alegou que a arma disparou acidentalmente. De acordo com o irmão de Douglas, a vítima ainda perguntou ao soldado, antes de morrer: “Por que o senhor atirou em mim?”

Mais vulnerável, a população negra dos 142 municípios considerados os mais violentos têm prioridade no Programa Juventude Viva.

Sugestão de aula

■ O Programa Juventude Viva está cadastrando entidades e grupos que tenham interesse em integrar a rede de prevenção à violência. Mais informações no site www.juventude.gov.br/juventudeviva/

■ O Boletim de 66 páginas do Ipea está disponível no site <http://www.ipea.gov.br/>

Candelária e Vigário Geral: 20 anos de impunidade

“A carne mais barata do mercado é a carne negra / Que fez e faz história segurando esse País no braço, meu irmão. / O gado aqui não se sente revoltado Porque o revólver já está engatilhado”.

A Carne (Seu Jorge, Marcelo Yuca e Wilson Capellette)

Há 20 anos, o Brasil presenciava dois massacres que levaram o País a julgamento na Organização dos Estados Americanos (OEA) por violação dos direitos humanos e também reafirmaram a cultura de impunidade e truculência contra os mais pobres.

No dia 23 de julho de 1993, oito jovens moradores de ruas - seis deles, menores de 18 anos - foram mortos a tiros por policiais militares nas escadarias da Igreja da Candelária, no Centro do Rio de Janeiro.

Entre os feridos, a principal testemunha do massacre foi Wagner dos Santos, que sobreviveu a quatro tiros, mas teve que sair do País depois de sofrer um novo atentado.

Pior sorte teve Sandro Barbosa do Nascimento, que sobreviveu à Chacina da Candelária, mas foi morto pela polícia em 2000 no sequestro retratado no documentário “Ônibus 174”.

Pouco mais de um mês depois, no dia 29 de agosto de 1993, um grupo de 50 policiais militares entrou na favela de Vigário Geral, no Rio de Janeiro, e exterminou 21 moradores, supostamente em vingança contra a morte de quatro policiais em emboscada de traficantes locais, no dia anterior.

A mesma PM que agrediu professores

Em nota divulgada no aniversá-

rio dos massacres, a Anistia Internacional apontou a persistência da violência policial no Brasil e a vitimização da população da periferia, especialmente dos jovens negros.

O caso do pedreiro Amarildo de Souza, que desapareceu no último dia 14 de julho depois de ser detido por policiais que supostamente deveriam pacificar a Favela da Rocinha, na zona sul do Rio, repete a triste sequência de crimes com as mesmas características e os mesmo autores. Em todos os casos, trata-se da mesma PM/RJ que agrediu professores em greve no último mês de outubro, em uma estarrecedora demonstração de que o desrespeito aos Direitos Humanos tornou-se rotineiro.

Apesar da visibilidade dos casos ocorridos no Rio, as execuções extrajudiciais e por grupos paramilitares são uma realidade em muitas outras regiões do País, especialmente nas periferias das grandes cidades.



Sugestão de aula

■ “A Voz do Alemão”: A jornalista Sabrina Abreu e René Silva, criador do premiado Jornal A Voz da Comunidade, lançam pela Editora nVersos o livro “A Voz do Alemão”, que relata o cotidiano dos moradores do Complexo de Favelas, já considerado uma das áreas mais violentas do País.

■ “Um Bom Lugar”: O autor de um dos clássicos do rap nacional ganha uma biografia. A criativa, curta e trágica vida do compositor e ator Mauro Mateus dos Santos, o Sabotage, é o tema do livro “Um Bom Lugar”, que o escritor Toni C lança pela Editora LiteraRUA. Conhecido como Maestro do Canção, em referência à favela onde nasceu, localizada na zona sul da capital paulista, Sabotage gravou o disco “Rap é Compromisso” e atuou nos filmes “O Invasor” e “Carandiru”, antes de ser assas-



Ciência e tecnologia afrodescendente

Um anúncio de uma rede de fast food em homenagem ao Mês da Consciência Negra inspirou Carlos Eduardo Dias Machado, professor de História da rede pública, a escrever um livro ainda não publicado sobre cientistas e inventores negros.

“O anúncio, que circulou em 1996 em uma revista norte-americana, trazia ilustrações de objetos que foram inventados por pessoas negras, como o semáforo, a geladeira e a caneta tinteiro, sob o seguinte título: Toda a vez que você usa uma dessas coisas, você está celebrando a história negra”, conta o professor Dias Machado nas entrevistas e apresentações que já fez sobre o livro “Negros e negras inventores, cientistas e pioneiros”.

O livro reúne o trabalho de cientistas negros que realizaram pesquisas e descobertas e deixa-

ram inventos em todas as áreas do conhecimento humano. Há um capítulo exclusivo sobre os 15 afrodescendentes que receberam o Prêmio Nobel.

“Os negros sempre foram descritos como bons trabalhadores braçais, fortes, com aptidões nos esportes e nas artes. Porém há uma total invisibilidade dos nossos conhecimentos nas ciências biológicas e exatas”, lamenta o professor, que tem um blog e procura uma editora para publicar o livro.

Conheça alguns dos cientistas e seus inventos, apresentados pelo professor Carlos Eduardo Dias Machado:

◆ A sonda ultravioleta criada por George R. Carruthers, em 1972, foi utilizada na missão Apollo 16 à Lua.

Discurso de Luther King completa 50 anos

Considerado o mais importante discurso do século XX, “I have a dream” (“Eu tenho um sonho”), de Martin Luther King completou 50 anos em 2013. No dia 28 de agosto de 1963, o pastor e líder do movimento contra a segregação racial nos Estados Unidos discursou em Washington, durante a Marcha por Emprego e Liberdade, para 250 mil pessoas, em defesa da promulgação dos direitos civis, que acabariam com a violenta discriminação no País.

Era uma época em que os negros eram as maiores vítimas da pobreza e da violência, não podiam se casar com brancos, além de enfrentar restrições ao direito ao voto, à Educação e até ao acesso a locais públicos, prioritariamente reservados aos brancos.

“Jamais estaremos satisfeitos enquanto o negro for vítima dos desprezíveis horrores da brutalidade policial”, disse Luther King durante o discurso, que pregava o sonho de uma América e um mundo com igualdade entre negros e brancos.

O discurso tornou-se universal e atemporal e, até hoje, é adotado por militantes das mais diversas causas, graças ao impacto de frases que não envelheceram como “Tenho um sonho de que meus quatro filhos viverão um dia em uma nação onde não serão julgados pela cor de sua pele, mas pelo teor de seu caráter.”.

Luther King ganhou um Nobel da Paz em 1964 e foi assassinado em 1968, aos 39 anos.

Mandela Day

Ao contrário de Luther King e de outros ativistas negros, Nelson Mandela tornou-se um ícone e ganhou o status de herói ainda em vida. O ex-presidente sul-africano, que permaneceu 27 anos preso por lutar contra a segregação racial imposta pelo regime do apartheid, completou 95 anos em 2013 internado, em estado grave.

A sua luta pela vida é ainda mais comovente pelo fato de que ele se tornou-se um símbolo da reconcilia-



Professor Carlos Eduardo, autor do livro (em destaque)

◆ O refrigerador foi criado pelo norte-americano John Standard 1891.

◆ O engenheiro André Rebouças criou pontes e estradas no Brasil, em pleno século XIX.

◆ A pasta de amendoim, a gasolina de nitroglicerina e o índigo, que dá tonalidade ao jeans, foram produzidos pela primeira vez pelo Dr. George Washington Carver.

◆ A sonda Laserphaco, utilizada nas cirurgias a laser nos olhos, foi criada pela oftalmologista Patricia Bath, em 1981.

◆ O pente quente e outros produtos de beleza foram criados por Madame C.J. Walker, a primeira mulher milionária dos Estados Unidos.

◆ Novas tecnologias para

aviação são o alvo dos projetos da pesquisadora Anna McGowan, que trabalha para a NASA.

◆ O filamento de carbono que deixa lâmpadas acesas por mais tempo e o primeiro projeto de telefone para Graham Bell foram criados pelo Dr. Lewis Latimer, em 1876.

◆ O sistema de segurança dos elevadores foi criado por Alexandre Milles, em 1897.

◆ A escova de cabelo foi inventada por Linda Newman, em 1898.

Teses e Dissertações

Além de autor das pesquisas sobre a presença afrodescendente nas Ciências e Tecnologia, o professor Carlos Eduardo Dias Machado é autor de um mestrado sobre população negra e escolarização na cidade de São Paulo nas décadas de 1920 e 1930. O trabalho é o mais recente destaque da seção Teses e Dissertações do site da APEOESP, que reúne resenhas de trabalhos acadêmicos sobre Educação e Magistério, em parte realizados por professores da rede pública. Veja aqui outros destaques com a temática étnico-racial:

- ◆ Doutorado de História avalia como livros didáticos formaram a identidade do Brasil;
- ◆ Do mestrado ao pós-doutorado, jornalista pesquisa Educação e Candomblé;
- ◆ Doutorado analisa como a exclusão e o desemprego foram impostos à primeira geração de negros pós-escravidão;
- ◆ O ensino da temática racial é tema de mestrado na Unesp;
- ◆ Professor Ramatis Jacino analisa trabalho do negro livre no final do século XIX;
- ◆ Mestrado de História na USP analisa a tradição oral africana e as raízes do jazz;
- ◆ Mestrado na PUC aborda o ensino da história e cultura afro na visão dos coordenadores;
- ◆ Professor transforma mestrado sobre músicos escravos em livro.

ção e do perdão, a ponto de ter negociado uma transição democrática com a comunidade branca, quando conquistou a Presidência da África do Sul em 1994. Ganhador do Nobel da Paz e do título de Pai da Pátria da moderna nação sul-africana, o líder negro também tem uma data em sua homenagem. Desde 2010, a ONU comemora em todo o Planeta o Mandela Day em 18 de julho, data de nascimento do sul-africano escolhida para celebrar a liberdade, a justiça e a democracia.

Sugestão de aula

■ O TV Folha de 25 de agosto traz a íntegra de “I have a dream”, com comentários do jornalista Carlos Eduardo Lins da Silva e tradução de Clara Allain, na reportagem “Só ficaremos satisfeitos quando a justiça rolar como água, diz Luther King”. Acesse www.folha.uol.com.br

■ A Discovery Civilization e a TV Bandeirantes estão apresentando uma série de 15 episódios sobre os Presidentes Africanos, realizada pelo jornalista Franklin Martins no continente. Confira!

A diversidade nas telas e nos livros

“Negro não é só melanina, é atitude política perante o mundo.”

Escritor e rapper Ferréz na Feira de Frankfurt.

Histórias inspiradoras, nem sempre com final feliz, sempre levaram multidões aos cinemas. Agora, com a diversidade de mídias, muitas destas histórias podem ser utilizadas na sala de aula para ilustrar a temática étnico-racial. O Boletim da Consciência Negra indica filmes premiados que abordam a questão.

Uma História de Amor e Fúria (2012) - Filme de animação resgata as lutas do povo brasileiro através da história de amor entre um herói imortal e a mulher por quem é apaixonado há 600 anos. São quatro episódios: a resistência dos índios à colonização, a Balaiada e a luta dos escravos nos quilombos, a luta armada contra a ditadura e uma fictícia batalha pela água no ano de 2096.

Cadillac Records (2008) - O filme mostra a evolução da música negra, através da história de artistas que começaram a cantar pro-

fissionalmente entre 1940 e 1960; entre eles, Etta James, Muddy Waters, Chuck Berry e Little Walter.

Escritores da Liberdade (2007) - Em um contexto social problemático e violento, uma jovem professora que trabalha em um bairro periférico nos Estados Unidos ensina valores de tolerância e disciplina para seus alunos, promovendo uma reforma educacional na comunidade.

Raça (2002) - Documentário de Zoel Zito de Araújo retrata o trabalho de três brasileiros que são exemplo das conquistas da população negra na Política, Educação e Religião: Paulo Paim, o único negro senador da República no País, Netinho de Paula, cantor e apresentador de TV que luta contra a invisibilidade dos negros nos meios de comunicação, e Miúda dos Santos, ativista quilombola e neta de escravos.

Amistad (1997) - Dirigido por Steven Spielberg, o filme conta

a história real do motim iniciado no navio negreiro Amistad, que traficava africanos para os Estados Unidos em 1839. O motim impulsionou o movimento abolicionista norte-americano.

Sugestões de leitura

“Literatura Infantil Juvenil: Diálogos Brasil-África” (Autêntica Editora): O livro, que fala sobre as obras que retratam as origens africanas do povo brasileiro, foi escrito por dois especialistas em Literatura, Suely de Souza Cagneti e Cléber Fabiano da Silva. Eles tratam de questões fundamentais referente à Educação, como a importância dos afrodescendentes reafirmarem sua origem. A obra integra a Série Conversas com o Professor.

“Nós do Brasil” (Editora Moderna): A obra multidisciplinar aborda a formação étnico-racial do Brasil. Escrito pela jornalista Rosiane Rodrigues para ser utilizado como ferramenta pedagógica na aplicação da Lei 10.639/03, o livro é voltado ao Ensino Médio e tem capítulos dedicados a temas como a construção dos preconceitos e

as expressões artísticas e culturais de afrodescendentes e indígenas no Brasil.

“Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com o Candomblé” (Editora FaperRJ-Pallas): A jornalista Stela Guedes Caputo acompanhou a infância e a adolescência de praticantes do Candomblé que foram vítimas de discriminação religiosa na escola. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Stela pesquisou o tema, do mestrado ao pós-doutorado.

“Relações étnico-raciais: um percurso para educadores” (Editora UFSCar): São dois volumes da Coleção Universidade Aberta do Brasil organizados pelos pesquisadores Valter Roberto Silvério, Érica Aparecida Kawakami Mattioli e Thais Fernanda Leite Madeira. O primeiro volume reúne artigos sobre diferenças, sociedade e a escola e diversidade étnico-racial no Brasil, entre outros temas. O segundo aborda a religiosidade africana e afro-brasileira, relações raciais e mídia e a face quilombola do Brasil.

MEMÓRIA



O Ato Ecu-
mênico em
memória ao
ex-presidente
da APEOESP,
Carlos Ramiro
de Castro, rea-
lizado no Audi-
tório Florestan
Fernandes no

dia 11 de setembro foi celebrado por representantes de três religiões. Pela Igreja Católica, o Padre José Enes de Jesus, pelo Candomblé, o Babalorixá Pai Francisco de Osun, e pela Igreja Batista, o Pastor Jair Batista. O professor Carlão faleceu no dia 05 de setembro, vítima de complicações decorrentes de uma diabetes.



Conhecido ativista do movi-
mento contra o apartheid, Steve
Bantu Biko foi assassinado há 36
anos, depois de ser detido pela
polícia no dia 11 de setembro de
1977. Fundador da Organização
dos Estudantes Sul-Africanos, em

1968, e presidente honorário da Convenção dos Negros, em 1973, o ativista foi proibido de fazer discurso. A simples citação de suas declarações tornou-se crime. Ele gostava de lembrar durante seus discursos que “a única condição necessária para a perpetuação da opressão é que as pessoas se omitam”.

Respeito e tolerância

Há inúmeras iniciativas pedagógicas em defesa da cultura de paz e do respeito à diversidade. A APEOESP destaca alguns destes trabalhos:

O projeto multidisciplinar “Bullying e Respeito”, da Escola Municipal Padre João Renaudin de Ranville, localizada em Lorena, já rendeu frases, mensagens e poemas referentes ao tema. Além disso, professores e estudantes produziram uma revista e um espetáculo teatral com fantoches abordando o bullying na escola.

O Projeto ExploreCarlotas, desenvolvido pela artista plástica brasileira Carla Douglas, radicada em Nova York desde 2009, envolve estudantes de 5 a 15 anos em conceitos como a tolerância, a aceitação e o respeito. A artista realiza workshops e outras atividades pedagógicas. O resultado deve ser publicado em breve no livro ExploreCarlotas.

A cultura da periferia é o foco do trabalho de seis coletivos juvenis em atuação na zona leste da capital. Através de saraus, oficinas de cinema e vídeo, esses grupos reunidos no Projeto Coletivo Jovem estimulam a transformação social através da Educação e Cultura.

expediente



Dirigentes responsáveis:

Maria Izabel Azevedo Noronha
Presidenta da APEOESP

Roberto Guido

Secretário de Comunicações

Paulo José das Neves

Secretário de Comunicações Adjunto

Rita de Cássia Cardoso

Secretária de Políticas Sociais

Ana Paula Pascarelli dos Santos

Secretária de Políticas Sociais Adjunto

Conselho Editorial

Maria Izabel Azevedo Noronha

Francisca Pereira da Rocha

Roberto Guido

Paulo José das Neves

Fábio Santos de Moraes

Maria Sufaneide Rodrigues

Rita de Cássia Cardoso

Ana Paula Pascarelli

Luiz Gonzaga José

Ariovaldo de Camargo

Francisco de Assis Ferreira

Zenaide Honório

Texto e Edição:

Ana Maria Lopes - MTb 23.362

Produção:

Secretaria de Comunicações

da APEOESP

Tiragem: 15 mil exemplares